

DELMIRO GOUVEIA: A CONSTRUÇÃO DE UM MITO

Telma de Barros Correia*

I. INTRODUÇÃO

Entre os capitalistas brasileiros raros conseguiram despertar um interesse e uma admiração semelhante ao suscitado por Delmiro Gouveia. Ao longo deste século, Delmiro foi tema de várias obras biográficas, romances, poemas, discursos parlamentares, de inúmeras matérias em jornais e revistas, de filmes, peça de teatro e, até, de desfile de escola de samba no Rio de Janeiro. Este artigo trata das representações de Delmiro Gouveia que surgem nessas obras, investigando como foram associadas ao industrial as imagens de empresário ousado e empreendedor, de homem que ascendeu socialmente por esforço próprio, de indivíduo preocupado com o bem-estar do trabalhador, de mártir da causa nacionalista, de vítima das oligarquias e, mais recentemente, de indivíduo dotado de preocupações com o meio ambiente. Investiga também a surpreendente capacidade do mito em que Delmiro foi convertido, de ser mobilizado em favor das mais diversas causas, por autores das mais diferentes vertentes ideológicas.

O enriquecimento rápido de Delmiro Gouveia como comerciante de peles em fins do século XIX e seus empreendimentos ousados como a construção em 1899 no Recife do centro de comércio, serviços e lazer do Derby, em 1913 de usina hidrelétrica na Cachoeira de Paulo Afonso e em 1914 da fábrica de linhas e núcleo fabril de Pedra, têm conduzido muitos autores a o apontar como exemplo de empresário ousado e empreendedor. Reunindo nas

* Arquiteta, Mestra em Desenvolvimento Urbano e Regional pelo MDU-UFPE, Doutora em Estruturas Ambientais Urbanas pela FAU-USP e docente do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP. Este artigo está baseado em capítulo da tese de doutorado da autora, intitulada "Pedra: plano e cotidiano operário no Sertão. O projeto urbano de Delmiro Gouveia", FAU-USP, São Paulo, 1995.

margens do rio Capibaribe, mercado, hotel, pavilhão de diversões e pista de ciclismo, o Derby durante sua curta existência – maio de 1899 a janeiro de 1900 – alterou a rotina do Recife. Introduziu formas novas de esporte e diversões, como o ciclismo, o boliche, o futebol, o megascópio e o carrossel; difundiu novas atitudes face ao consumo, articulando às compras as idéias de aventura e status; inaugurou a luz elétrica na cidade e um novo conceito de centro comercial, em local fechado, distante do centro urbano e voltado também para o comércio de artigos sofisticados.

No núcleo fabril de Pedra – construído numa fazenda no Sertão de Alagoas – havia em 1917 uma Fábrica de Linha, cerca de 250 casas, chafarizes, lavanderias, banheiros públicos, loja, padaria, farmácia, escolas, médico, dentista, cinema, pista de patinação, posto do Correio e Telégrafo e luz elétrica. As casas operárias padronizadas e rigorosamente caiadas e a limpeza das ruas – obtidas graças a regulamentos rigorosos – aliadas à sucessão de colunas que percorriam os longos alpendres, sugeriam a visitantes do lugar idéias de ordem, racionalidade e grandeza de propósitos. Pedra foi alçada à condição de exemplo da possibilidade de superação do "atraso" do Sertão, por homens letrados que a visitaram nos seus primeiros anos, imagem esta que se reforçou posteriormente. O assassinato de Delmiro e, na década seguinte, a destruição de parte das máquinas da fábrica pela Machine Cotton (concorrente escocês, que as adquiriu em 1929) contribuíram para intensificar o caráter modelar que foi sendo conferido a Pedra. Num momento de exacerbação do sentimento nacionalista, Pedra foi erigida em marco da luta contra o imperialismo, tendo sido aventada a possibilidade do assassinato de Delmiro ter ligação com suas disputas de mercado com a fábrica escocesa.

Alguns episódios de sua vida privada e empresarial têm contribuído para ampliar a aura que foi se formando em torno de Delmiro de homem invulgar pela coragem e audácia. Entre tais episódios situam-se a agressão física em 1899 de Delmiro, contra o então vice-presidente da República – o Conselheiro Rosa e Silva – em plena Rua do Ouvidor no Rio de Janeiro, e o rapto em 1903 da menor Carmela Eulina, filha do então Governador de Pernambuco Sigismundo Gonçalves.

Escritos apaixonados sobre Delmiro – atacando ou defendendo –

foram amplamente veiculados na imprensa pernambucana e carioca a partir de 1899, ocasião de acirramento de seus conflitos com o grupo político liderado por Rosa e Silva. O Derby foi aclamado por setores da imprensa recifense em 1899 como um empreendimento que colocava a cidade em sintonia com o que havia de mais moderno e de bom gosto em termos de diversões e serviços no mundo de então. Nos anos 10 e 20 deste século o núcleo fabril de Pedra recebeu muitos visitantes ilustres e foi alvo de muitas matérias elogiosas em jornais e revistas. Philip Gunn mostra a importância do uso político e ideológico de Pedra na literatura dos anos 30, 40 e 50, que discute um projeto para o Sertão, seja quando privilegia o tema da industrialização e modernização agrícola, seja quando enfatiza o uso das águas do São Francisco como fonte de geração de energia (Gunn, 1990, p. 145). Nos anos 50, Delmiro não deixou de ser citado como idealizador da primeira hidrelétrica no rio São Francisco em "Paulo Afonso", baião ufanista cantado por Luís Gonzaga, que promete insistentemente que "o Brasil vai". Nos anos 60 e 70, o volume de escritos e eventos tomando Pedra e Delmiro Gouveia como tema atinge proporções extraordinárias. Conferências se multiplicaram, foram publicadas diversas obras biográficas, alguns romances, inúmeras matérias em jornais e revistas. Por ocasião do centenário do nascimento de Delmiro, em 1963, foram realizadas palestras em algumas capitais e homenagens no Congresso Nacional. Em 1977, estreou a peça "O Coronel dos Coronéis", escrita por Maurício Segall, a qual obteve terceiro lugar no Concurso de Dramaturgia do Serviço Nacional de Teatro. No seu roteiro – publicado em 1979 –, Delmiro foi retratado como um grande realizador e um patrão protetor e dominador, que submete a natureza do sertão e dirige Pedra com mão de ferro (Segall, 1979). No ano seguinte, foi lançado o filme "Coronel Delmiro Gouveia", com roteiro de Orlando Senna e Geraldo Sarno, que foi premiado no Festival de Brasília de 1978, e teve seu roteiro publicado em livro e na forma de história de quadrinhos (Senna & Sarno 1979). O industrial chegou, inclusive, a ser tema de desfile de escola de samba no Rio de Janeiro, tendo a Unidos da Tijuca sagrado-se campeã do grupo 1-B com enredo "Delmiro Gouveia, uma história do Sertão". Neste contexto, Maurício Segall escreveu, em 1980:

"Parece que Delmiro Gouveia depois de mito regional está tomando-se um mito nacional. Mito para os que defendem o desenvolvimento capitalista brasileiro. Mito para uso dos nacionalistas de todo bordo.

Mito para os populistas. Mito, enfim, para ser usado de forma oportunista como quase sempre acontece com as figuras históricas" (Segall, 1980, p.5).

Um primeiro aspecto que se evidencia na construção deste mito foi o esforço empreendido por governantes e empresários nesta missão. Já a Exposição Nacional de 1922 foi aberta com um discurso do Presidente Epitácio Pessoa com referências elogiosas à obra de Delmiro, enquanto a Fábrica da Pedra foi contemplada com o "Grande Prêmio" (*Correio da Pedra*, 12 nov. 1922. p. 1; *Correio da Pedra*, 11 fev. 1923. p.1). Ao ser desmembrado de Água Branca em 1952 e transformado em Município, o antigo distrito de Pedra passou a se chamar "Delmiro Gouveia", denominação que também foi conferida por Lei de 1958 à barragem construída pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco na cachoeira de Paulo Afonso, enquanto Lei de 1960 estipulou prêmio para concurso de monografias sobre Delmiro (*Diário do Congresso Nacional* (Suplemento), jun. 1963. p. 25). Em 1961, foram concedidos pela Diretoria Seccional da LABRE e pelo Governo de Alagoas diplomas para radioamadores de 278 emissoras que divulgaram a obra de Delmiro Gouveia (*Gazeta de Alagoas*, 2 dez. 1961). Na ocasião do centenário do nascimento de Delmiro, o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais no Recife promoveu uma "Semana Delmiro Gouveia", com palestras e exposições (Freyre, 1963). Em 1993, a Federação das Indústrias de Pernambuco, o *Diário de Pernambuco*, a FUNDAJ e o BANDEPE instituíram o "Prêmio Delmiro Gouveia de Vanguarda Industrial", destinado a distinguir anualmente "as indústrias que se destacarem pela adoção de inovações nas áreas de qualidade, relações trabalhistas, gestão empresarial e interação com a comunidade" (*Diário de Pernambuco*, 22 ago. 1993. p. C-2; Delmiro Gouveia. Um Grande Prêmio para Indústrias de Todos os Tamanhos, 1993).

II O SELF-MADE MAN

Para alguns autores – solidários com o mito burguês da ascensão social como uma possibilidade aberta a todos –, Delmiro aparece como um nordestino pobre que deu certo. Como o rapaz humilde que, por esforço próprio conquistou conhecimentos, prestígio e riqueza. Sintetizando esta visão, Gilberto Freyre o qualifica de *self made man* (Freyre, 1959, p. 121). A idéia do acúmulo de fortuna por

Delmiro como uma decorrência de seu trabalho e de dotes pessoais surge em vários outros autores, empenhados em mostrar como teria enriquecido por "esforço próprio e servindo-se da privilegiada inteligência de que era dotado" (Araripe, 1965, p.134), de sua capacidade de trabalho, espírito de iniciativa, tenacidade, força de vontade (Sousa, 1964, p.5), habilidade e engenhosidade (Rocha, 1991, p.87), após anos de "trabalho insano" (Mendonça, 1961, p.3).

Depoimentos do próprio Delmiro e de alguns contemporâneos seus inauguraram esta leitura de sua trajetória, ao apontarem nele a imagem do homem trabalhador e capaz, atributos que lhe teriam permitido ascender de mero cobrador em bondes para a posição de próspero empresário, e daí para a de "civilizador dos sertões". Trabalho, ousadia, perseverança e razão são vistos como as características desta figura de empresário considerada exemplar. O trabalho era enaltecido por Delmiro que, através dele, procurava explicar seu sucesso nos negócios e a origem de sua rápida fortuna. Em artigo de 1898, lançou mão da idéia de trabalho para responder às críticas de seus adversários políticos no Recife, que lançavam dúvidas quanto à probidade de seus negócios:

"Enquanto elles viviam pelas ruas, cafés, casas de pensão, restaurants, trens e mesmo em seus escriptórios, onde à falta de trabalho passam o tempo a se occupar da vida alheia, eu estava no labor do meu negócio, externando-me na verdadeira lucta pela vida, afim de conseguir o que tanto hoje os incommoda" (Gouveia, 1 jan. 1898. p.2).

Coerente com uma glorificação do trabalho, que ganhava adeptos nas classes dominantes – percorrendo o pensamento burguês, o ideário positivista, o catolicismo social, doutrinas puritanas e evangélicas –, Delmiro elege o trabalho como o principal atributo moral dos indivíduos. Vê no trabalho um sinal de personalidade bem formada do ponto de vista moral, um indicio de honra, perseverança e energia. Ao trabalho, por outro lado, atribui a capacidade de engrandecimento do individuo, pelo enobrecimento moral e pelo acesso a bens materiais. O elogio do mérito individual e a noção de igualdade de oportunidades, outros dos princípios do pensamento liberal, são também mobilizados por Delmiro para explicar sua trajetória no mundo dos negócios, revidando críticas quanto à lisura de seus negócios feitas por adversários políticos:

"Si elles tivessem no sangue, nos nervos, nas faces, vergonha, e no organismo alguma coisa de energia e sentimento, deviam orgulhar-se de haver um homem do povo, pobre porém trabalhador, capaz de mostrar-lhes com exemplos que quem luta pela vida com honradez, actividade e perseverança, póde conseguir uma posição na sociedade e, em vez de andarem pelas ruas, cafés, trens e esquinas empregando-se na maledicência, podiam dedicar-se ao trabalho proveitoso, que nobilita o homem e dá-lhe sempre o direito de confundir seus inimigos gratuitos" (Gouveia, 1 jan. 1898. p.2).

Contemporâneos de Delmiro, que admiraram sua trajetória no comércio e na indústria e o modelo urbano e social de Pedra, também viam isso como consequência de seu mérito individual. Para Félix Pires de Carvalho – um dos seus fornecedores de peles – a fortuna de Delmiro era decorrência de sua "inteligência invulgar" (Carvalho, 1962, p.1). Meroveu Mendonça, que foi hóspede de Delmiro em Pedra, o descreveu como indivíduo "...atraente, hospitaleiro, inteligente, sagaz, dinâmico, corajoso, altivo, sincero, idealizador, organizador, disciplinador" (Mendonça, 1961, p.3). Ao espírito empreendedor e vontade de triunfar de Delmiro, contemporâneos seus atribuíam seus êxitos nos negócios. Para o primeiro Gerente da Fábrica da Pedra, Adolpho Santos, graças à "sua energia de trabalhador incansável e de comerciante experto", Delmiro "...acumulou a grande fortuna que lhe assegurou fastígio; a ostentação de luxo e de conforto; o prestígio no seio da classe; o destaque no meio social; o prazer de gozar o renome de seus triunfos" (Santos, 1947, p.7). Desconsiderando, inclusive, o fato de Delmiro Gouveia ter obtido amplas concessões e incentivos públicos, sobretudo junto ao Governo de Alagoas, o jornalista Plínio Cavalcanti mostra-o como um indivíduo cujo ânimo e coragem seriam os responsáveis por sua surpreendente ascensão social:

"Num paíz de rhetoricos, parasitas e repetidores como o nosso, em que o individuo desde o nascimento à morte vive quase sempre na tutella dos favores publicos, sem animo nem coragem para se afirmar como homem e cidadão livre, Delmiro Gouveia constitue um symbolo de esperança para todos os que luctam e confiam" (Cavalcanti, 1927, p.41).

Na ótica destes autores, Delmiro converte-se em testemunho de que – dependendo unicamente de suas qualidades individuais –

qualquer indivíduo teria condições de ascender socialmente, aproveitando as chances que a sociedade burguesa oferecesse. Para os autores que enfocam Delmiro sob esta ótica, alguns aspectos de sua trajetória pessoal que não se compatibilizam com esta representação são negados ou desconsiderados. Este é o caso dos amplos favores públicos que recebeu e das denúncias de uso de violências contra concorrentes no comércio de peles e de envolvimento em negócios ilícitos. Na realidade, além dos lucros fabulosos que a exportação de peles gerava na época, a surpreendente ascensão social de Delmiro esteve associada a práticas comerciais no mínimo questionáveis. Delmiro foi por exemplo, acusado de ter ordenado o espancamento de um de seus concorrentes no comércio de peles – Clément Levy – para fazê-lo abandonar os negócios no Recife. Também foi atribuído a Delmiro a prática constante de sonegar impostos no comércio de peles e algodão, prática inclusive que o próprio Delmiro confirmou ao denunciar ao Governador Dantas Barreto o coletor de Jatobá, Cel. José Gomes, de durante longos anos ter permitido – em troca de propinas – a saída irregular de peles de Pernambuco para Alagoas, estado onde Delmiro arremava anualmente os impostos sobre esta atividade (Menezes, 1991, p.114; Cavalcanti, 1986, p.1). A noção do homem que ascende socialmente unicamente por esforço próprio também é contrariada pelos amplos favores públicos que Delmiro obteve. A criação do complexo comercial e de lazer do Derby tomou-se possível pela concessão do direito de administrar o mercado, o qual era prerrogativa da municipalidade. Do então Prefeito do Recife – Coelho Cintra – Delmiro obteve ainda isenção dos impostos municipais do mercado pelo prazo de 25 anos (Lima Júnior, 1963, p.61). Junto ao Governo de Alagoas obteve o direito de posse de terras devolutas no município de Água Branca, auxílio para a construção de açude em Pedra, isenção de impostos para a fábrica de linhas, concessão para captar energia elétrica na Cachoeira de Paulo Afonso, permissão para conduzir fiação para qualquer parte do estado, isenção de impostos estaduais relativos à produção de energia, isenção de impostos para a importação de algodão e recursos para financiar parte das obras de construção de estradas ligando Pedra a outras localidades.

III. O EMPREENDEDOR

Os apoios públicos que Delmiro obteve, bem como a utilização

de práticas comerciais questionáveis também são pouco considerados por autores que o erigiram como símbolo de empresário modelar. Atributos pessoais conferidos a Delmiro foram mobilizados, também, na explicação do arrojo e ousadia atribuídos às suas iniciativas empresariais. Na vasta produção intelectual sobre Delmiro, é enfatizado seu aspecto empreendedor. Mostra-se um industrial que se antecipou na introdução de inovações técnicas, no controle da reprodução operária e na exploração das potencialidades do Sertão para a indústria. Mostra-se um homem de pulso e visão, convertido em empresário exemplar. Delmiro é representado como um indivíduo destemido – homem de grandes embates –, que teria enfrentado sozinho a prepotência das oligarquias estaduais, a fúria dos trustes internacionais, a violência dos coronéis e a ignorância dos camponeses sertanejos. Surge, também, como o homem de visão, com rara habilidade para ganhar dinheiro, mobilizando amplamente os recursos oferecidos pela técnica e pela ciência. O repertório das qualidades imputadas ao personagem neste sentido é amplo. Detentor de "*espírito irrequieto e empreendedor*" (*Jornal do Brasil*, 20 abr. 1952); de "*espírito pioneiro*" e tino comercial (Malta, 1961); de um "*cérebro privilegiado, fantasticamente criador*" (Távora, 1966); de "*inigualável capacidade de trabalho*" e de uma "*vontade férrea*" (Medeiros Neto, 1963); de audácia, coragem, dinamismo e "*nacionalismo autêntico*" (Roriz, 1963). Para o Padre Machado de Sousa, "*Delmiro era um chefe de comunidade perfeito; era autêntico condutor de homens. Sabia impor a ordem e consolidar o progresso...*" (Sousa, 1964, p.25). Na opinião do advogado Caio Vasconcelos, tratava-se de um indivíduo "*seguro e decidido*" "*generoso e agressivo*", dotado de "*espírito patriótico*", "*arrojo, inteligência, coragem, sentimento*", "*inteligência arguta*" e "*rara intuição*", enfim, de um "*homem de incomensurável grandeza, igualando, ou mesmo ultrapassando àqueles que mais contribuíram, nos diversos setores de suas atividades, para o aperfeiçoamento do povo e progresso da nação*" (Vasconcelos, 1963, p.1-13). O escritor Josué Montello vê em Delmiro a "*capacidade criadora do gênio, aliada ao querer indômito do nordestino do Sertão*", mobilizados na construção de "*uma obra magistra*" (Montello, 1961, p.3). Paulo Dantas identifica nele um "*sertanejo dinâmico*", um "*gênio criador*", um "*homem enérgico*" e um "*exemplo de lutador e realizador social*" (Dantas, 1967, p.53-58). Os atributos de um "*super-homem*" emergem em matéria de Edgar de Alencar, com o título cinematográfico "*Delmiro Gouveia, o dominador*":

"Homem de coração largo, de atividade invulgar. Dínamo de força e energia. Um verdadeiro super-homem na inteligência desbravadora e na formidável capacidade de realização. Como homem de visão, Delmiro assombra pelo faro com que planejava as gigantescas tarefas e pela bravura indomável com que as concretizava. Pioneiro na verdadeira acepção da palavra" (Alencar, 1966, p.19).

O elenco de atributos elogiosos conferidos à capacidade empresarial de Delmiro se multiplica. Poderíamos mencionar discursos em Congresso de Estudantes e em sessões parlamentares, artigos em jornais e revistas, obras biográficas, etc. Algumas representações estabelecem contrastes gritantes entre Delmiro e o mundo sertanejo. A idéia formulada por Oliveira Lima, em 1918, de que Delmiro teria sido vítima de sua "superioridade" em relação ao meio onde viveu (Oliveira Lima, 1918) foi, neste sentido, recuperada em 1980 por Maurício Segall ao concebê-lo como "... um 'corpo estranho' germinado prematuramente em tecido social hostil que só poderia acabar por rejeitá-lo" (Segall, 1980, p.5).

Neste tipo de leitura da trajetória de Delmiro é freqüente a realização de uma dupla operação. Promove-se a burguesia, elegendo algumas qualidades atribuídas ao empresário de sucesso – criatividade, audácia, capacidade de mando, trabalho etc. –, para, em seguida, equipará-lo a um cidadão exemplar – o verdadeiro patriota. Por outro lado, numa suposta excepcionalidade de homens como Delmiro – e num pretenso destino ingrato que pode estar reservado a eles em um meio ainda não "preparado" para abrigá-los – parece buscar-se explicações para o "drama" do "atraso" do Nordeste, eximindo-se, assim, da responsabilidade pela situação os que contribuem e se empenham em mantê-la.

Na realidade, se não há como deixar de reconhecer o arrojo das iniciativas empresariais de Delmiro e sua capacidade de empreendê-las, também não há como negar que seu êxito nos negócios não decorreu apenas destes fatores, mas esteve grandemente relacionado com práticas outras que vão do uso de violência física para afastar concorrentes, a uma relação discutível com governantes e funcionários públicos, que ia da obtenção legal de amplos incentivos à sonegação de impostos e corrupção de funcionários. Por outro lado, mesmo considerando-se a trajetória invulgar de Delmiro no mundo dos negócios, é impossível dissociá-la do contexto onde ela se

desenvolveu. Isto é, os incidentes que redundaram em reveses – como o incêndio do Derby pela polícia pernambucana em 1900 em consequência dos atritos entre Delmiro e os governantes do estado na época e o assassinato do industrial em 1917, possivelmente provocado por atritos, envolvendo interesses econômicos e políticos, com os coronéis José Gomes, de Jatobá, e José Rodrigues, de Piranhas – não decorreram de uma suposta "superioridade" de Delmiro em relação ao meio, como quer Oliveira Lima. Ao contrário, tais reveses derivam-se de uma profunda inserção em um mundo onde alianças políticas, associações morais e ligações de interesses articulam-se, abrindo e fechando espaços para as iniciativas individuais.

IV. O MÁRTIR DOS TRUSTES E DAS OLIGARQUIAS "ATRASADAS"

Para uma corrente nacionalista do pensamento de esquerda, Delmiro surge como vítima das oligarquias retrógradas e como mártir da luta antimperialista. Sua habilidade empresarial é reconhecida, porém, mostrada como insuficiente para vencer estes dois inimigos. Sua trajetória considerada brilhante no mundo dos negócios, porém, marcada por sucessivos percalços e por um final trágico é mostrada como evidência das dificuldades postas pelas empresas internacionais e pelas elites "atrasadas" ao desenvolvimento do País. Na obra desses autores, os conflitos políticos entre Delmiro e o grupo liderado pelo oligarca Rosa e Silva são enfatizados, e a concorrência entre a Fábrica da Pedra e a Machine Cotton é colocada como ponto central de sua trajetória empresarial e como causa provável de sua morte.

A disputa entre a Machine Cotton e a Fábrica da Pedra se estendeu por longos anos, tendo-se acirrado na década de vinte, após a morte de Delmiro. Em matéria no *Jornal do Commercio* de 1926, a Machine Cotton foi acusada de lançar mão, nesta disputa, de práticas desleais e desonestas, como a venda de mercadorias abaixo do custo e a pressão sobre comerciantes para que suspendessem as vendas de linhas da Pedra (Carone, 1977, p.541). Em face desta concorrência, a Fábrica da Pedra teve sucessivos prejuízos no tocante à fabricação de linhas de coser, apenas parcialmente compensados pelos lucros decorrentes da produção de fios industriais. Em 1926, o Presidente Artur Bernardes assinou o Decreto

N. 17.383, elevando a taxa de importação sobre as linhas de coser. O Decreto, no entanto, foi revogado dois anos depois pelo Presidente Washington Luís, motivado, inclusive, por pressões do Embaixador e de banqueiros ingleses, que qualificavam o Decreto de ato de hostilidade comercial (Mauricio et alli, 1977, p.10). Após haver tentado, sem sucesso, comprar Pedra a Delmiro, a Machine Cotton, em 1929 – 12 anos após a morte deste –, realizou seu intento de tirar a fábrica da Pedra da produção de linhas. Para tanto, a Machine Cotton adquiriu dos então proprietários de Pedra as marcas registradas das linhas e os maquinismos específicos para sua fabricação. Pelo acordo, Pedra permaneceria, fabricando apenas fios industriais; seus proprietários não poderiam por dez anos participar direta ou indiretamente de negócios relativos à fabricação de linhas ou venda de fios para a fabricação por terceiros (Rocha, 1970, p.210-213). À aquisição, seguiu-se a destruição das máquinas, aniquiladas a golpes de picareta e atiradas ao Rio São Francisco. A violência deste gesto e a agressividade da disputa de mercado por parte da fábrica escocesa deram subsídios para que Pedra fosse convertida em marco da luta antiimperialista.

Este tipo de leitura de Delmiro Gouveia, generalizou-se nos anos 50, 60 e 70. Surge nas obras mais diversas: no romance *"Fábrica de Pedra"*, de Pedro Motta Lima; no filme *"O Coronel Delmiro Gouveia"*, em inúmeras matérias em revistas e jornais, entre as quais *"O assassinato do industrial"*, publicada em *"Opinião"* e *"Delmiro Gouveia, perdido nas linhas do truste"*, publicada nos *"Cadernos do Nordeste"*. O artigo *"Delmiro Gouveia na indústria nacional"*, escrito por Octávio Brandão – jornalista alagoano, filiado ao Partido Comunista Brasileiro desde 1922 – e publicado em 1962, na revista *Leitura*, explicita a estratégia de alianças entre classes preconizada, na ocasião, por setores de esquerda para a superação do "atraso" do Brasil, que deu suporte a esta leitura de Delmiro como vítima das oligarquias e dos trustes internacionais. No artigo Delmiro é enfocado como um "grande burguês industrial" que teria perecido porquê:

"Não compreendeu a essência do imperialismo e os meios de luta contra o inimigo principal. Transformou, de fato, seu centro industrial num verdadeiro feudo em que predominava sua vontade pessoal e dominavam as sobrevivências da Idade Média.(...). Limitou-se à indústria leve. Não se orientou no sentido da indústria pesada, da

produção de meios de produção" (Brandão, 1962, p.25).

Para Brandão, as derrotas de Delmiro

"...trazem grandes ensinamentos. Hoje, mais que nunca, é imprescindível a frente única nacional do proletariado com os camponeses, a pequena burguesia urbana e a burguesia progressista, para libertar o Brasil, desenvolver a verdadeira industrialização nacional, derrotar o imperialismo, a reação e o latifúndio!" (Brandão, 1962, p.25).

No filme "O Coronel Delmiro Gouveia", de 1978, a avaliação da trajetória empresarial de Delmiro muda um pouco. Neste filme, Delmiro é mostrado como um patrão protetor e autoritário. Argumenta-se que teria sido vencido pela Machine Cottons porque estava sozinho, sem o apoio dos operários e que, apenas quando a fábrica pertencer ao trabalhador, nenhum concorrente terá força para destruí-la (Senna, & Sarno, 1979, p.101, 102 e 126). Ao mesmo tempo em que se apontava o socialismo como solução definitiva para a industrialização nacional, lançava-se mão da idéia de que – até lá – a fragilidade da burguesia nacional em relação às empresas estrangeiras decorria, sobretudo, de uma desorganização da classe trabalhadora. Tal noção foi expressa com maior clareza que no filme em entrevista concedida, em 1979, por Geraldo Sarno, um dos autores do roteiro:

"Uma das conclusões que eu gostaria que se pudesse tirar do filme é que se a burguesia nacional soube formular, a concretização desse projeto nacional autônomo não foi viável por faltar a presença de uma classe operária consciente e organizada" (Sarno, 1977, p. 8).

No filme, mostra-se Delmiro como empresário arrojado e de visão, movido por boas intenções, cujas realizações foram bloqueadas pela perseguição das oligarquias e pela concorrência da Machine Cotton. Esta representação de Delmiro é construída a partir de uma série de contrastes com coronéis e empresários com os quais conviveu. Estabelece-se um contraste entre Delmiro e o seu amigo, o Coronel Ulisses Luna, que surge como homem avesso a inovações, que via como loucura a construção da fábrica de linhas; entre ele e seu inimigo, o Coronel José Rodrigues, mostrado como homem perverso, que tinha prazer em matar e entre ele e seu sócio

italiano, Lionello Iona, mostrado como capitalista desprovido de idealismo, que via, na determinação de Delmiro em empenhar-se numa resistência fadada ao fracasso ante o truste escocês, o comportamento de um sonhador. Em entrevista concedida em 1977, por Geraldo Sarno, reaparece esta representação de Delmiro calcada numa oposição entre moderno e tradicional. Delmiro é retratado como um empresário modernizador, em oposição aos métodos tradicionais de comércio; como um homem avançado ao qual se contrapunham as oligarquias; como um precursor, construindo usina, fábrica e promovendo "a transformação de camponeses em operários qualificados"; como um "coronel-empresário moderno, progressista" (Sarno, 1977). Sarno procura enfatizar especificidades no "despotismo" de Delmiro, no empenho para diferenciá-lo dos demais coronéis:

"Era, entretanto, um despotismo muito diferente do autoritarismo dos coronéis vizinhos, pois que visava uma nova forma social de vida no Sertão. Tratava-se de uma visão integrada da realidade. Ao mesmo tempo que ele criava uma fábrica, uma usina, também fazia surgir uma vila operária onde impunha hábitos de comportamento social, de higiene, de igualitarismo" (Sarno, 1977).

Em matérias de jornais da época em que o filme foi lançado, buscou-se realçar a imagem de Delmiro como "um herói que quis adiantar-se a seu tempo", uma "das maiores vocações nacionalistas do país", um personagem que personifica a trajetória do capitalismo nacional na luta – bloqueada pelos monopólios internacionais – por um desenvolvimento econômico autônomo (Bourrier, 1978. p. 25; *Jornal do Brasil*, 11 mai. 1979. p.8).

A noção dos episódios envolvendo a Fábrica da Pedra e a Machine Cotton, como uma evidência de que sem apoio popular amplo iniciativas empresariais nacionais ousadas estavam fadadas ao fracasso, surgiu também em entrevista de Maurício Segall, em 1980:

"A lição histórica, portanto, parece clara. Ela mostra que a inovação revolucionária tem poucas chances de sobreviver caso não esteja respaldada num apoio popular maciço. Delmiro foi, para sua época, um revolucionário de fato, pois queimou etapas ao pretender saltar repentinamente de uma situação socioeconômica primitiva, quase feudal, para uma capitalista avançada, e o fez sem se preocupar

com sua retaguarda, tanto popular como política, mais ampla" (Segall, 1980, p.5).

A noção de Delmiro como vítima da resistência das oligarquias a mudanças políticas, sociais e nas estruturas produtivas foi exprimida por Manuel de Souza Barros, um jornalista e sociólogo que participou ativamente das lutas operárias em Pernambuco na década de vinte. Após referir-se à opressão a que o povo – sem proteção da justiça, dependente de favores e temeroso de represálias – era submetido por coronéis e usineiros, o autor refere-se ao empenho da estrutura oligárquica para impedir *"qualquer mudança (...) que diminuísse ou alterasse a influência dos chefes locais"* (Souza Barros, 1985, p.48). Para Souza Barros, este empenho na manutenção do poder e da ordem social, rebatia-se em apego aos *"velhos sistemas de cultura agrícola"* e numa resistência à industrialização. Vendo em Delmiro um indivíduo dotado das *"características perfeitas de um empresário industrial"* destinado *"...para quebrar rotinas, para correr riscos, para alterar formas rígidas e envelhecidas"*, considerava ter sido assassinado

"...por querer (...) introduzir novos métodos, estabelecer novas relações entre patrões e trabalhadores, dando o 'mau exemplo' de prestigiar a organização funcional e os sistemas baseados nas exigências do interesse industrial..." (Souza Barros, 1985, p.48).

O exemplo de Delmiro tanto foi apropriado na defesa dos interesses da burguesia brasileira, numa perspectiva de "queimar etapas" no processo de desenvolvimento e emancipação dos trabalhadores – como no caso dos autores acima mencionados –, quanto por autores solidários com os interesses específicos da indústria nacional. Sob o último aspecto, a mobilização do mito de Delmiro surge em livro de Raul de Góes:

"O que emprestou heróica dramaticidade às atividades industriais e comerciais do extraordinário sertanejo foi sua luta desigual, silenciosa e obstinada contra o trust inglês de linhas de costura (...). Delmiro Gouveia foi o herói e mártir da iniciativa privada no Brasil na luta desigual contra monopólios internacionais que devemos combater, não por xenofobia econômica, mas para salvaguardar os legítimos interesses da indústria nacional. Precisamos do capital estrangeiro, que ajude o desenvolvimento

da nossa pátria, mas sob leis disciplinadoras que impeçam qualquer ação monopolística, tendente a absorver e aniquilar o esforço empresarial dos brasileiros" (Góes, 1963, p.28 e 30).

Em palestra no Recife, em 1963, Virginius da Gama e Melo enfatizava que Delmiro teria enfrentado os três empecilhos que continuavam travando o desenvolvimento do Nordeste: "*Os trustes, a falta de industrialização, a agricultura rotineira*" (Melo, 1963, p.9). Na voz de deputados nordestinos – em discursos em Sessão do Congresso Nacional em Homenagem a Delmiro por ocasião do centenário de seu nascimento –, Delmiro foi alçado à condição de exemplo de empenho de "*homens notáveis*" da Região na promoção de seu desenvolvimento. Para Wilson Roriz, trata-se do símbolo da "*luta de libertação econômica e social do Nordeste brasileiro*"; para Medeiros Neto, do "*símbolo do autêntico nacionalismo*"; para Carlos Gomes, de um "*industrial arrojado e imaginoso*", símbolo de "*nacionalismo legítimo e patriótico*" (*Diário do Congresso Nacional*, jun. 1963. p. 23-26).

A idéia de Delmiro como símbolo das dificuldades de industrialização do Nordeste nem sempre foi construída colocando-o em oposição a outros grupos políticos ou econômicos. Na fala de alguns, a responsabilidade pelo "atraso" da industrialização e do progresso do Nordeste deixa de ser buscada em agentes concretos nacionais ou internacionais para ser imputada a uma trama perversa do destino. Neste sentido, escrevia Fernandes Távora, em 1966: "*O desaparecimento prematuro do bravo lutador de Pedra representou um golpe tremendo no progresso do norte do Brasil. Mais uma vez caiu sobre nós, pesada e dura, a mão do destino...*" (Távora, 1966).

A noção de Delmiro como símbolo da causa nacionalista foi alvo de algumas críticas: ora se atacou a interpretação, por autores de esquerda, dos efeitos da concorrência entre Machine Cotton e a Fábrica da Pedra, ora se contestou a noção desta concorrência como algo estranho ao capitalismo. Sob o último aspecto, Edgar Alencar criticou a idéia de que a Machine Cotton teria destruído a obra de Delmiro, procurando mostrar que os eventos ligados à concorrência entre ambos estavam de acordo com as práticas capitalistas: "*Sejamos realistas e decentes. Não há como negar que o truste inglês da linha lutou (e teria que lutar) pela reconquista do seu grande mercado no Brasil. Isso é comércio*" (Alencar, 1966, p.19).

Sobre a ação da fábrica inglesa destruindo máquinas e lançando-as no São Francisco, escreveu o autor: "*O fato foi chocante para nós brasileiros, mas convenhamos que ao comprador cabia dar o uso que lhe conviesse à mercadoria adquirida, por ele julgada imprestável*" (Alencar, 1966, p.19). Por outro lado, a leitura feita da trajetória de Delmiro por autores nacionalistas de esquerda suscitou críticas de Alencar Araripe, que se empenhou em desqualificá-la, estabelecendo diferenças entre o nacionalismo que atribui a Delmiro e aos que denomina "*comunistas com bandeiras nacionalistas*":

"...o nacionalismo que adotava não era a atitude falsa e hipócrita de muitos que dizem professá-lo na atualidade. Porque tal nacionalismo é apenas biombo atrás do qual se acobertam os que não têm coragem de se proclamarem comunistas e querem um pretexto para extravasar uma xenofobia doentia e sem limites, que encarna, sobretudo, o ódio ao norte-americano" (Araripe, 1965, p.136).

Os autores que enfocam Delmiro como vítima das oligarquias e empresas estrangeiras, evidentemente, "esquecem" de frisar suas associações com capitalistas americanos e italianos e com coronéis e oligarcas de seu tempo. Com efeito, se de um lado Delmiro enfrentou uma dura oposição em Pernambuco do Prefeito Esmeraldino Bandeira e do Governador Sigismundo Gonçalves, de outro encontrou importantes aliados nos governadores de Alagoas Euclides Malta e Joaquim Paulo Malta e nos coronéis Ulisses Luna e Manoel Rodrigues da Rocha. Por outro lado, se se envolveu numa concorrência acirrada com a Machine Cotton, não deixou de ter entre seus sócios capitalistas e empresas estrangeiras, como a Rossbach Brothers no comércio de peles e na fábrica de linhas o inglês John Krause e os italianos Guido Ferrari e Leonelo Iona.

V. O CIVILIZADOR

Uma das representações mais difundidas de Delmiro é a de capitalista com preocupações sociais. Para alguns observadores da época, admiradores de sua obra, Delmiro aparecia como um homem cujo pulso e visão, o tornavam capaz de levar a civilização e a ordem aos locais mais improváveis, sobrepondo-se às agruras do meio e aos condicionamentos biológicos e culturais atribuídos ao homem do sertão. A Delmiro foi imputado um certo caráter

messiânico, vendo-se na sua audácia, na sua capacidade de mando e na "postura científica" que lhe atribuíam um exemplo e, nas suas realizações no Sertão – a usina em Paulo Afonso e Pedra –, um testemunho da possibilidade de "salvação" da região.

Considerando as características atribuídas ao meio e ao homem do Sertão, Assis Chateaubriand vê em Pedra algo verdadeiramente extraordinário. Pedra surge, para ele, como uma reversão heróica das tendências do meio ambiente, como uma dupla vitória sobre os elementos e sobre a essência do sertanejo. Sublinhando a paisagem seca e desolada, as violentas variações de temperatura e o espetáculo grandioso de combate entre os elementos, expresso na Cachoeira de Paulo Afonso, o autor enfatiza a hostilidade do meio da região de Pedra e seu poder avassalador sobre o indivíduo. Em face da visão de uma natureza sem freios, diante de cujas forças imensas e ferozes o homem se sente ameaçado e impotente, a ação de Delmiro em Pedra surge como um vigoroso embate da técnica e da razão contra os elementos (Chateaubriand, 1990). Neste confronto, demonstrando um poder que os contemporâneos vêem como inelutável, a técnica suplanta aos seus olhos, uma a uma, todas as até então consideradas invencíveis resistências que, acreditava-se, a natureza inóspita do Sertão impunha à penetração do progresso e da civilização no seu território.

Na luta para subjugar esta natureza, vê-se a técnica aliada à tenacidade de Delmiro. Transpor a distância do litoral a Pedra, suplantar a fúria das águas da cachoeira, ultrapassar seus abismos e íngremes encostas, desbravar a vegetação agressiva, vencer a resistência do rígido arenito do subsolo e sobre ele levantar cidade, pomares e jardins, tudo isto sob um sol escaldante, um clima seco e um calor asfixiante, era visto como um empreendimento heróico. Tal empreendimento, considerava-se, além de conhecimentos técnicos, exigia muito de entusiasmo, autoconfiança, força de vontade, liderança, teimosia e audácia.

A idéia de Pedra como testemunho da capacidade do homem – apoiado na ciência e na técnica – de dominar a natureza e submetê-la aos seus interesses aparece em inúmeros artigos de jornais e em filme da época. Também em relatos de contemporâneos acerca de Paulo Afonso, revela-se o profundo impacto causado pela grandiosidade da cachoeira – sua beleza sublime em meio à fúria

dos elementos – e o júbilo ante a possibilidade de sujeitá-la aos imperativos do progresso. O filme "A Cachoeira de Paulo Affonso e a Fábrica de Linhas da Pedra", que estreou no Recife, em 1923, centra seu enfoque na contraposição entre a força da cachoeira e força ainda maior da técnica que ousou submetê-la a uma utilidade prática (*Correio da Pedra*, 12 ago. 1923. p.1).

Plínio Cavalcanti, em artigos e conferência, narrou a epopéia, comandada por Delmiro, que teria representado a construção da usina hidrelétrica: o transporte das imensas máquinas até o sertão através de estradas precárias e de abismos, superando o descrédito, desânimo e temor de auxiliares (Cavalcanti, 1927). Outras vozes de visitantes ilustres de Paulo Afonso na década de 10 – religiosos, engenheiros, jornalistas, etc. – juntaram-se à de Plínio Cavalcanti nesse louvor à ação de Delmiro na domesticação e exploração industrial das forças naturais. Esta visão da relação entre técnica e natureza era majoritária entre os homens letrados da época. Havia no entanto, aqueles que se opunham à sobreposição de interesses econômicos, que ameaçavam subjugar aos seus propósitos tudo e todas as riquezas da natureza. Destoando do coro em louvor à usina, vozes se levantaram. Este foi o caso de José Avelino, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, para quem a usina sacrificava "...aos interesses da indústria as belezas naturais da cachoeira" (Lima Júnior, 1963, p.143).

Na imagem da natureza da região de Pedra como cruel e arrebatadora, a fúria das águas de Paulo Afonso somava-se à agressividade da vegetação e à infertilidade do solo. Esta paisagem estéril e desolada surgia como implacável diante das investidas do homem para domesticá-la. O jornalista Hildebrando Menezes retratava a região de Pedra, neste sentido, como um "...meio aspérrimo, onde tudo conspirava contra a ação civilizadora do homem" (Menezes, 1991, p.59-60).

A imagem de Pedra, construída por observadores letrados da época, subvertia tudo o que costumava ser associado ao Sertão. Com suas escolas, seus operários limpos e bem vestidos, o aspecto asseado de suas ruas e habitações, a luz elétrica, as formas regradas e modernas de lazer e uma vida voltada para o trabalho, Pedra surgia como expressão inequívoca de progresso. Na visão do jornalista Plínio Cavalcanti – que a visitou em 1915 –, Pedra aparecia como

uma objetivação da racionalidade moderna, possibilitada pela experiência e prática de trabalho acumuladas por Delmiro. Conforme o autor, em Pedra era

"...tudo feito a rigor com a visão segura que provem das largas experiências e da pratica continua do trabalho. Delmiro Gouvêa abominava o superfluo e subordinava tudo ao asseio e à ordem mais rigorosa" (Cavalcanti, 1927, p.51).

Compartilhando do desprezo burguês por tudo que não julga útil, Plínio Cavalcanti extasiava-se com a rápida integração da mão-de-obra sertaneja à atividade industrial e, sobretudo, com a imagem que Pedra lhe sugeria de uma comunidade onde o trabalho racional e ordenado envolvia todos os moradores, revelando-se em cada recanto. A atividade de homens e máquinas comprometidos em diferentes tarefas e operações, em constante labor, como se a própria cidade fosse um grande e harmonioso maquinismo, encantava e assombrava seu recém-chegado visitante:

"No jardim ao lado alguns homens educados por Delmiro no trato delicado das flores, regavam o estendal das plantas desabrochadas. Nas mangedouras e estrebarias a mesma azafama, o mesmo mourejar dentro de uma ordem e disciplina invejáveis. Lá para os lados do cortume, a machina de preparar gelo estava tambem em actividade, enquanto outros empregados atrelavam proximo d'ali um burro ao aparelho 'clayton' para desinfecção dos esgotos" (Cavalcanti, 1917, p.34).

Esta idéia da objetivação, em Pedra, de uma sociedade ideal, onde todos têm a mente e o corpo voltados para o trabalho, revela-se, também, em depoimento do escritor Bastos Tigre, após visita ao local, em 1915 (Tigre, 1915, p.3). Tal noção incorpora a idéia do emprego industrial como instrumento de disciplina e recuperação do pobre para o trabalho, a qual surge exemplarmente em relatos de visitantes de Pedra. Plínio Cavalcanti a definiu como uma *"Canaan de paz e trabalho"* (Cavalcanti, 1927). Para Assis Chateaubriand, que esteve em Pedra em 1917, seu sistema de trabalho era um dos elementos básicos do projeto civilizador que atribuía a Delmiro Gouveia:

"O sr. Delmiro Gouveia para combater a ignorância, o fanatismo

religioso, o fetichismo bárbaro, serve-se também de máquinas, engenhos da indústria humana, que em vez da morte e da destruição, ensinam ao sertanejo e ao jagunço o trabalho fecundo que educa, civiliza e aperfeiçoa" (Chateaubriand, 1990, p.64)

A admiração causada por Pedra entre intelectuais seus contemporâneos era enfatizada pelo fato de o núcleo situar-se em pleno Sertão. Devido à visão que predominava entre as elites litorâneas do sertão como uma terra inóspita habitada por pessoas rudes, Pedra, situada perto do arraial do Conselheiro, criada e habitada por sertanejos, provocava agradável surpresa e grandes esperanças nos seus visitantes ilustres. Tal atitude revela-se por exemplo, em Oliveira Viana:

"Nunca supus, e com dificuldade o acreditaria se não o tivesse visto, que no alto sertão se encontrasse o que debalde se procuraria na zona açucareira ou mesmo nas capitais destes Estados, num resultado devido simplesmente - um simplesmente que é tudo - ao empenho que um homem pôs em construir um edifício moral da solidez e do brilho do que me foi dado admirar" (Dantas, 1967, p.59).

Oliveira Lima, após visita a Pedra em 1917, escreveu no ano seguinte que, embora o assassinato de Delmiro decorresse de *"sua superioridade em relação ao meio"*, esta acenava com a possibilidade de alterar este mesmo meio, levando o progresso até ele:

"O exemplo de Pedra acode sempre aos que pretendem que não é possível civilizar o sertão. A obra do Coronel Delmiro Gouveia constitui um exemplo precioso. Pouco importa neste sentido que elle aja succumbido na tarefa na qual o officialismo o não ajudou. Morreu victima porventura da sua superioridade em relação ao meio, mas sua iniciativa não poderá deixar de ser fecunda, uma vez que seus resultados se manifestaram possíveis. E não provasse ser fecunda, o interior do Brazil estaria condenado a cahir na barbarie" (Oliveira Lima, 1918).

A localização de Pedra no Sertão não apenas ampliava alguns contrastes com o mundo que a cercava, como enfatizava a transfiguração que operava no pobre que nela ingressava. Para Chateaubriand, Pedra consistia na primeira evidência concreta de

que era possível transformar sertanejos miseráveis e rudes em seres civilizados:

"Quando se nos depara uma choça as figuras que correm para ver os automóveis lembram-nos como deveriam ser as criaturas a quem o Sr. Delmiro ensinou o amor do trabalho, vestiu, barbeou e penteou: esfarrapadas, hirsutas, seminuas, famintas, vivendo ao Deus dará a existência rudimentar das raças inferiores, na mais lastimável degradação física, moral e intelectual. Chegando a Pedra assistimos à transfiguração. Irresistivelmente se nos acende dentro do peito a flama de um entusiasmo, que nos embalsama de uma alegria divina. É a transfiguração de todos os valores daquela vida inerte que íamos vendo estrada em fora; o celeiro de uma esperança nova" (Chateaubriand, 1990, p.70).

Este depoimento revela o impacto, sobre um intelectual do início do século, entusiasmado pela ciência e pela razão, de uma cidade – em pleno Sertão –, que parecia ser comandada por estes princípios. Tal cidade parecia testemunhar a eficácia prática de teorias científicas que transformaram noções de higiene, progresso e ordem em consenso entre as elites brasileiras da época. Pedra mostrava-se como uma evidência definitiva do poder avassalador da ciência e da técnica sobre a natureza, revolucionando o meio e as pessoas, transformando os recantos e populações mais rudes e primitivas em ilhas de paz, progresso e civilização. A disciplina é vista pelo autor como o recurso que propicia esta passagem, permitindo que os conhecimentos disponíveis, sejam amplamente e eficazmente empregados na construção de uma sociedade próspera.

Para Plínio Cavalcanti, o "zelo" extremo com que Delmiro tratava cada aspecto da existência de Pedra presidia a transformação da caatinga estéril numa cidade verde e progressista e comandava a transfiguração de seres incapazes em indivíduos produtivos:

"Esse zelo constante era temperado com a maneira racional de incutir-lhes o bem e a paciência necessária para transformá-los de criaturas ignorantes em seres de múltiplas utilidades. Assim foi essa gente educada por elle, que depois da derrubada inicial do matto, cultivou os jardins, os pomares e se familiarizou com o manejo dos machinismos delicados da fabrica de linhas, causando espanto vel-os pouco tempo depois optimos operarios, celulas vivas do

progresso para todos os misteres da actividade" (Cavalcanti, 1927, p.53).

Adolpho Santos ia mais longe. Para ele, Pedra evocava a própria magia da criação. Era a criação de um mundo novo e modelar, a partir do muito pouco que o Sertão, em sua opinião, oferecia: a criação de operários eficientes a partir de "*sertanejos broncos*", de um "*monumento de civilização*" a partir da caatinga desolada; a conversão das trevas em luz, o milagre da água jorrando abundante em pleno sertão e do "trabalho remunerador" arregimentando gente das mais diversas procedências para o lugar (Santos, 1947, p.36).

Inúmeras foram as matérias publicadas no *Correio da Pedra* enaltecendo a ação de Delmiro no domínio do meio do Sertão e no disciplinamento de seus habitantes. A alfabetização compulsória, a persuasão da inevitabilidade de dedicar a vida ao trabalho, o convencimento da necessidade imperiosa do cumprimento de preceitos de higiene e de "boas maneiras" são algumas das medidas exaltadas. Mesmo sem negar os frutos materiais que Delmiro obtinha nesta ação, procurava-se mostrar nela, também, uma meritória obra civilizadora.

Chateaubriand vê no empreendimento de Delmiro Gouveia um resgate do descompasso entre litoral e Sertão na marcha da civilização, descompasso este materializado exemplarmente em Juazeiro e Canudos:

"Pedra é a réplica a um e outro. E a resposta humana de um sertanejo ao crime de Canudos. Até aqueles homens separados trezentos anos da gente do litoral, a massa consciente da nacionalidade, debuxando um quadro de civilização industrial e pacífica de amor ao trabalho, de disciplina, que é um contraste com a indisciplina, o nomadismo e o misticismo da vida sertaneja. Parece impossível compreender tão extraordinária aparição no anacronismo daquela existência" (Chateaubriand, 1990, p.62).

Antagonismos entre Pedra e Juazeiro ou Belo Monte também foram enfatizados por outros autores como o médico Raul Azedo, Djair Menezes e Plínio Cavalcanti – que vêem entre elas a distância da civilização à barbárie, do útil ao nocivo, da razão à insânia. Nestes autores, a chave para a explicação de tais antagonismos em um

mesmo meio e sociedade estaria em um "caráter científico" que teria norteado a organização de Pedra.

A idéia de Pedra como comunidade pacífica contrastava com o severo sistema de punição imposto por Delmiro aos moradores que desobedeciam aos rígidos regulamentos por ele impostos. Em Pedra se buscou introduzir uma nova disciplina e modo de vida a sertanejos recém-proletarizados, através do arranjo das casas e dos espaços coletivos, de um rígido controle das atividades, do uso do tempo e do consumo. Os regulamentos exigiam – entre outras coisas – que as casas fossem mantidas limpas, que as crianças freqüentassem escolas, que as pessoas estivessem sempre limpas e com vestes julgadas decentes. Proibia-se cuspir no chão, consumir bebidas alcoólicas e o uso de chales e de cachimbo. Havia toque de recolher para crianças e um rígido controle sobre os solteiros, procurando-se conter e vigiar namoros. Este controle incluiu a exigência de que homens e mulheres se sentassem no cinema em alas separadas. Uma rígida disciplina no trabalho foi estabelecida. Aos infratores as punições variavam, indo de repreensões e multas, a espancamentos, rituais públicos de degradação e expulsão. Delmiro adotou ainda a prática de eventualmente manter amarrados por longas horas em uma baraúna localizada em frente à fábrica – que denominava "tronco" – operários que julgava terem cometido faltas graves. A violência contra o morador de Pedra não se expressava apenas nestas formas de punição, mas sobretudo numa ingerência profunda no cotidiano, a qual atingia a relação do indivíduo com seu corpo, suas crenças (parte do carnaval, por exemplo, era realizado durante a quaresma), a vida familiar (Delmiro chegou a intervir em conflitos entre parentes) e comunitária.

Este severo sistema de controle no entanto, não chegou a comprometer a idéia de ordem e harmonia que Pedra suscitava em seus visitantes ilustres. Para estes, Pedra surgia como exemplo de comunidade obreira, disciplinada e civilizada. Aparecia como modelo a ser seguido pelo resto do Brasil, como fórmula para a superação do seu "atraso", como receita para integrar os vastos sertões no esforço de desenvolvimento da nação. Homens interessados numa "solução" para o País – sobretudo dirigentes e intelectuais – voltaram seus olhos para ela. O interesse provocado por Pedra junto a estas pessoas fica evidenciado pelo número dos que a visitaram. Apenas no curto período em que Delmiro esteve no seu comando (1914-

1917), Pedra foi visitada, entre outros, por: Assis Chateaubriand, Mario Melo e Plínio Cavalcanti (jornalistas); Manoel Borba e João Batista Aciole (governadores); José Bezerra (ministro); Meroveu Mendonça e Eusébio Brandão (juizes); Arnaldo Bastos, Eutrópio Silva e Antônio Vicente (deputados); Bastos Tigre, Eugênio Gudim, Oliveira Lima, Raul Azedo e Saturnino de Brito. Alguns destes visitantes – sobretudo Chateaubriand e Plínio Cavalcanti – lançaram através de seus escritos as bases iniciais para os mitos de Delmiro como industrial exemplar e de Pedra como comunidade perfeita e protótipo da ação necessária para superar o "atraso" do Sertão.

A exploração adequada dos recursos materiais e humanos do País, vista como indispensável no rumo ao progresso, parecia exigir das elites que se julgavam esclarecidas uma ação enérgica no sentido de retirar os pobres do estado de letargia no qual se acreditava estarem imersos. Tal ação não costumava desprezar totalmente o uso da violência, simultaneamente ao emprego de métodos pedagógicos mais sutis. Neste contexto, nem mesmo o uso da violência aberta contra os operários foi capaz de comprometer a visão de Pedra como expressão do progresso. Tal violência, ao contrário, parecia até mesmo reforçar esta idéia. Embora os abusos cometidos por Delmiro encontrassem resistência por parte de alguns operários e provocassem apreensões ao Governador Aciole – que chegou a convocar o industrial a Maceió para prestar esclarecimentos a esse respeito – eles eram bem aceitos pela maioria dos homens letrados que visitaram Pedra. Se alguns reconheciam o comportamento de Delmiro Gouveia em relação a seus operários como rígido e desumano, havia um reconhecimento quase unânime da necessidade de tratar o trabalhador com mão de ferro para recuperá-lo para o trabalho. Vistos como justificáveis por uns e como necessários por outros, tais abusos nunca eram remetidos à idéia de atraso, de permanências de práticas típicas da sociedade escravocrata. Ao contrário, eram vistos como instrumento valioso na condução do progresso e da civilização rumo ao Sertão. Coerente com a crença inelutável do pensamento positivista na ciência, Raul Azedo qualificou Pedra de "*ditadura científica*" (Azedo, 1927), enquanto Octavio Tavares considerava que, "*o regimen da Pedra é quasi dictatorial; mas é salutar. A fabrica de linha fez o povoado, deu-lhe a magnificencia de hoje*" (Tavares, 1924). Este tipo de imagem da autoridade de Delmiro, em Pedra, revela-se exemplarmente em depoimento do ex-gerente da fábrica, Adolpho

Santos:

"Não era um tirano nem um usurpador, porque era um legítimo orientador vivendo em simbiose com seus orientados, agindo como guia experimentado frente os menos decididos e os mais arrojados traçando-lhes a linha reta do meio termo para completa realização de um trabalho regular produtivo, eficiente, compensador" (Santos, 1947, p.38).

O reconhecimento, pelos contemporâneos, da autoridade de Delmiro para conduzir a vida privada de seus operários fundamentava-se em dois princípios muito caros às elites da época: a razão e a gratidão. Tratava-se neste ponto de vista, de um industrial iluminado pela ciência e pela técnica, que reivindicava por altruísmo a missão de esclarecer massas de sertanejos ignorantes. Tratava-se, por outro lado, do coronel e "padrinho", cuja autoridade sobre aqueles considerados seus dependentes costumava ser pouco questionada. À autoridade conferida pela razão, somava-se aquela decorrente de associações morais, resultando numa exacerbação do controle, cujos sinais de abuso, embora evidentes aos olhos dos contemporâneos, nem por isso deixavam de ser vistos como justificáveis e mesmo louváveis. Perpassa, nos depoimentos elogiosos a Pedra feitos por visitantes de época, a idéia do direito inquestionável do patrão – que aparece às vezes até como um dever – de dar as ordens e comandar com mão de ferro seus operários. A direção moral de um "patrão esclarecido" surge como uma possibilidade de elevação que, entregue a si próprio, o pobre jamais alcançaria. De acordo com a pedagogia amplamente aceita na época, esta direção patronal deveria agir tanto pela indução discreta quanto pelo aconselhamento direto, tanto pela concessão de recompensas quanto de castigos.

A idéia de Pedra como ilha de civilização em meio a uma suposta barbárie sertaneja mostra-se insustentável. Se as inovações de Pedra estabeleceram fortes contrastes com o mundo sertanejo de sua época, muito de sua ordem urbana e social remete a esse mundo. Pedra recupera, inclusive, práticas – como o tronco – já abolidas desse meio. Nela entrelaçam-se elementos relacionados às noções usuais de civilização – operosidade e inovações técnicas – e de barbárie – arbitrariedades e violências físicas. Seu aspecto moderno e progressista – os maquinismos da fábrica, os automóveis

do patrão, a luz elétrica, as casas alvas e os operários asseados – conviviam com práticas de controle social difundidas na época, temperadas, inclusive, por outras já não amplamente toleradas pela sociedade, como os castigos físicos em adultos.

Na literatura posterior, a glorificação das iniciativas de Delmiro Gouveia tem prosseguimento. Ao Derby, associou-se um caráter civilizador e preocupações sociais (Mota, 1963; Rocha, 1969). Na poesia de Jorge de Lima, a construção da usina hidrelétrica na década de dez é retratada como o passo inicial de uma obra capaz de *"salvar o Nordeste e remir o sertão"* (Apud. Menezes, 1963, p.157). Pedra, mesmo que algumas vezes com ressalvas, continuou despertando entusiasmo. Mário de Andrade via nela uma *"...perfeição de mecanismo urbano..."* (Andrade, 1963), onde tudo tinha sentido (Andrade, 1992, p.131). Gilberto Freyre se também mostrou seduzido pela *"maravilha de técnica, de economia e, sobretudo, de organização social e de solidariedade humana"*, que identificava em Pedra (Freyre, 1963). Graciliano Ramos também ressaltou sua ordem exemplar, embora a considerasse *"...até excessiva"* (Ramos, 1992, p.115). Maurício Segall identificava, na organização social de Pedra, uma antecipação de conquistas trabalhistas (Segall, 1980). As referências a Pedra como comunidade modelar, obra de civilização e progresso se multiplicam nas falas de deputados e governadores nordestinos, em livros e obras biográficas.

Hildebrando Menezes, que trabalhou como jornalista no *"Correio da Pedra"* na década de vinte, tem uma leitura distinta da ação de Delmiro em Pedra, concebendo-a como algo voltado para interesses econômicos pessoais bastante claros. Tratava-se, na sua opinião, de uma estratégia de constituição de um grupo de operários modelares para a fábrica:

"Conhecedor da índole do sertanejo, criado em regime de liberdade absoluta, trabalhando apenas o quanto lhe desse a ganhar o necessário para a sua manutenção em regime de frugalidade impressionante, ele pretendia formar para os seus serviços operários imbuídos de plena responsabilidade em face das tarefas de que fossem incumbidos e capazes de executá-las com a perfeição possível" (Menezes, 1991, p.79).

Tal como contemporâneos letrados de Pedra, alguns de seus admiradores, ao longo deste século, continuaram estabelecendo contrastes entre as qualidades atribuídas ao núcleo e o ambiente do Sertão, de forma a melhor realçar tais qualidades. A noção de Delmiro como um "domador de homens", calcada numa visão extremamente negativa e falsa do sertanejo pobre, em oposição a uma visão mítica, e igualmente falsa, do operário de Pedra foi largamente utilizada. Neste sentido, a revista "*Fatos e Fotos*" publicou, em 1968, numa linguagem pretensamente "científica":

"Sociólogos e antropólogos que estudam o Nordeste ainda não sabem explicar como Delmiro conseguiu transformar vaqueiros, fanáticos e cangaceiros – homens de natureza violenta, habituados à vida livre no campo – em operários disciplinados e mansos" (Fatos e Fotos, 30 mai. 1968).

Alguns autores vêem em Pedra uma evidência da capacidade da burguesia de construir comunidades ordenadas e progressistas. Outros a viam como resultado da obra de um burguês diferenciado, que, por visão e altruísmo, teria promovido nela uma antecipação de conquistas sociais – jornada de trabalho diária de oito horas, casas higiênicas, escola etc. Tais representações solidarizam-se com uma idéia da possibilidade de um capitalismo de "boas intenções". Partem de uma crença de que é possível a existência de capitalistas hábeis a ponto de conseguirem uma forma de obtenção de crescentes lucros econômicos, tendo no altruísmo o elemento condutor de suas iniciativas empresariais. Vêem em Delmiro um homem comprometido com a elevação da situação material e moral de seus operários, dispondo-se para tanto, inclusive, a abdicar de parte do seu tempo e de seus lucros e até, de sua segurança pessoal. Em artigo de 1963, Chateaubriand explicita essa imagem de Delmiro ao colocar a "*reforma social do jagunço*" – ao lado do comércio de peles – como o empreendimento no qual o industrial teria depositado mais interesse e empenho (Chateaubriand, 1963). Segundo Gilberto Freyre, Delmiro "*...foi, no melhor sentido da expressão, homem público*", que se teria entregue "*...de corpo e alma ao serviço do Brasil*" (Freyre, 1963). A idéia de Delmiro como um burguês diferenciado – empenhado em "obra civilizadora" ou detentor de um suposto "espírito público" – surge também em escritos de Olympio de Menezes, Antiógenes Chaves, Virgílio Távora, Félix Lima Júnior, José Bonifácio de Sousa, Jorge Zarur, etc. Para Maurício Segall, "*empresário de larga visão*,

Delmiro Gouveia foi ave rara na história econômica desta parte do mundo (muito mais fecunda em empreendedores tímidos, mesquinhos e de curta visão)..." (Segall, 1980), enquanto, para Alencar Araripe, tratava-se de um patrão dotado de "*clarividente compreensão das suas obrigações sociais para com a comunidade*" (Araripe, 1965, p.136).

Entre estes autores, o aparato extremamente repressivo que a organização de Pedra comportava não foi tratado como algo que comprometesse sua representação de progressista ou de antecipadora de direitos sociais. O patrão das grandes brutalidades contra os operários foi passado para um segundo plano. Tais questões foram, geralmente, tratadas como acidente de percurso ou excentricidades no caminho de um homem movido por "ideais superiores". Em nenhum momento, o autoritarismo foi colocado no centro das análises. Surgiu, ao contrário, no máximo, como um detalhe. Ou até como um dos "charmes" do personagem, segundo a forma como Chateaubriand via seus modos grosseiros (Chateaubriand, 1963). Às vezes, recebeu um colorido heróico e foi mostrado como testemunho de audácia e de coragem pessoal. Em outras ocasiões, foi interpretado como um "mal necessário", leitura que é ilustrada por Olympio Menezes em livro publicado em 1963, quando qualifica Delmiro de "*...um grande domador de homens, um bom tirano*" (Menezes, 1963, p.28).

Raros são os autores que buscaram negar as violências cometidas por Delmiro contra os moradores do núcleo, como Limério Rocha, segundo o qual os "*trabalhadores de Pedra viviam em harmonia social, sem mandonismo, nem repressão*" e Costa Amazonas, que considerava que "*sua maneira de tratar o operário era um modelo*", mobilizando "*todos os benefícios da civilização*" (Rocha, 1991, p.90; Costa Amazonas, 1961). Mesmo admitindo tais violências, vários autores as consideraram justificáveis. Nesta perspectiva, a "culpa" pelas brutalidades cometidas por Delmiro contra seus operários foi atribuída aos últimos: às características inatas dos sertanejos ou à eventual má formação de muitos dos que afluíram a Pedra em busca de trabalho. Falando sobre o seu personagem no filme "*O Coronel Delmiro Gouveia*", o ator Rubens de Falco considerava tratar-se de um déspota, ressaltando, no entanto, que era movido pela "*...preocupação de dar um valor social àquela gente do Sertão, como parte da obra que ambicionava. Para isso, precisou muitas vezes*

ser um homem duro" (O Globo, 23 set. 1977). Procurando justificar os maus-tratos dispensados por Delmiro aos moradores de Pedra, o padre Machado de Sousa argumentava: *"Às vezes se fazem necessários rigor, severidade e até a própria disciplina física, quando a disciplina moral se torna deficiente"* (Sousa, 1964, p.113). Para Tadeu Rocha, Delmiro dirigia Pedra *"... autoritariamente, como todos os civilizadores de terras ou apóstolos de almas"* (Rocha, 1978, p.A-11). No mesmo sentido, em livro publicado também em 1963, Magalhães Martins escrevia:

"Como desbravador de zona brava e selvagem, ao mesmo tempo extensa, teve que acoitar, na sua indústria, gente de todos os quadrantes do Nordeste, com seus defeitos de origem e de formação, precisando, pois, agir com pulso forte, para afugentar os irrecuperáveis e propensos ao crime" (Martins, 1963, p.95).

"Imperativos do meio" também foram mobilizados por Lima Júnior, buscando legitimar as violências de Delmiro contra os moradores de Pedra:

"Vivendo num meio hostil por natureza, tendo de dirigir e controlar aquela gente disposta, com pouco amor à vida – caatingueiros analfabetos, cabras e homens bravos, violentos, resolutos, gente de sangue nos olhos, todos com a tradição secular de violências e valentias, de revide a bala e a faca, vivendo a lei da selva, pode-se dizer, Delmiro tinha de agir com pulsos de ferro, se queria ver respeitada sua autoridade e a de seus subordinados, pois do contrário, se fraquejasse, o teriam corrido de lá..." (Lima Júnior, 1963, p.181).

Mesmo identificando erros nos abusos cometidos por Delmiro, Hildebrando Menezes considerava que estes haviam sido compensados pela sua obra:

"Havia exagero, reafirmamos, em suas exigências. Mas, o povo já se habituara a seu modo, que parecia grosseiro, de dar ordens e exigir que fossem cumpridas. Tinha ele a compreensão de que, para ser obedecido e respeitado pelos seus operários, recrutados entre os sertanejos de todas as classes, devia mostrar-se a todos como homem sem medo e sem tolerâncias para qualquer falta. Mas, os seus erros ou defeitos desapareciam, se comparados com a obra

que ele vinha realizando, no sentido da recuperação econômica da região sertaneja e do bem-estar social de sua população" (Menezes, 1991, p.84).

O reconhecimento da legitimidade do comportamento de Delmiro em relação aos empregados da fábrica está presente, inclusive no relato de Lauro Góes, um ex-funcionário da Fábrica da Pedra que em depoimento, quase cinquenta anos depois, atribui a Delmiro sua "...*formação de amor ao trabalho e disciplina, método de vida e senso de responsabilidade*" (Góes, 1962, p.37).

Um aspecto que costuma ser enfatizado na vasta literatura sobre Pedra, diz respeito a um suposto caráter excepcional da experiência. Na realidade, nos seus aspectos mais gerais, não há nada de extraordinário na organização social de Pedra. Antes de um caso isolado, sua construção esteve inserida num movimento mais geral de construção por indústrias de vilas operárias junto a cidades e de núcleos fabris em localidades rurais. Tal processo emerge na Europa ainda no século XVIII, ocorre em países como Japão, Estados Unidos, etc. e começa a manifestar-se no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, paralelamente à expansão da grande indústria, sobretudo têxtil. Para os industriais, a construção de núcleos fabris, ao contrário de finalidades filantrópicas, atendia a interesses materiais bastante imediatos. Viabilizava a implantação de fábricas em localidades rurais, portanto junto às fontes de energia – cachoeiras e matas – e ocupando terras baratas. Favoreciam a atração de mão-de-obra para a indústria – ao oferecer simultaneamente emprego e teto – em um momento em que havia grande resistência dos trabalhadores ao emprego industrial. Para o industrial, o núcleo permitia ainda um controle mais efetivo sobre a força de trabalho empregada. Nele o patrão tinha grande autonomia para gerir os moradores, minimizando a interferência dos poderes sediados na cidade – Igreja, Estado – e tinha condições de gerir as circunstâncias que envolviam o cotidiano do trabalho de modo a submetê-lo a programa de assimilação à produção industrial e a um cotidiano coerente com as demandas de produção. A escola, as formas regradas de lazer, a moradia higiênica, o toque de recolher, o controle dos gastos familiares, os regulamentos severos, a supervisão dos solteiros, eram alguns dos instrumentos privilegiados pelos patrões nesta busca de controlar um grupo operário fixo, saudável e disciplinado, e portanto mais produtivo. Pedra não foge a

esta regra geral. Se apresenta alguma peculiaridade, é relativa sobretudo ao uso de formas pouco sutis de violência para submeter o trabalhador ao regime de vida e trabalho imposto. Parte desta violência pode ser atribuída à situação de penúria ou insegurança pessoal em que se encontravam muitos dos habitantes de Pedra antes do ingresso no núcleo: muitos eram retirantes atingidos pela seca de 1915 ou pessoas que haviam se envolvido em conflitos e se refugiado em busca de proteção ante a ação da justiça ou de inimigos.

VI. O HOMEM REFINADO

A construção do mito Delmiro Gouveia envolveu também leituras de sua vida privada, que buscam negar ou explicar seus costumes "soltos" e modos rudes. A mais interessante – e extravagante – obra neste sentido é o livro "*Vida de Delmiro Gouveia*", escrita pelo Padre Machado Sousa (Sousa, 1964). Ateu assumido e homem famoso por uma vida amorosa bastante "livre" para os padrões da época, Delmiro conseguiu ter neste Padre um ardoroso defensor de sua "integridade moral e religiosa". Nesta tarefa extremamente complicada, o autor lança mão do livro "*A nossa vida sexual*" do Dr. Fritz Kahn, para jogar a "culpa" de tudo numa "*frieza sentimental*" da esposa de Delmiro, e da Bíblia, traçando um paralelo entre Delmiro e Abraão, com relação à busca de filhos fora do casamento.

Desde seus tempos de comerciante próspero de peles no Recife, Delmiro procurou preservar a imagem de homem elegante. Chegou a lançar moda – "os colarinhos Delmiro Gouveia" – e sua casa em Apipucos notabilizava-se pelo requinte na decoração. Esta era aliás, uma imagem adequada ao homem que construiu o Derby – um protótipo de centro comercial fundamentado na noção de conciliar a atividade do consumo a status, lazer e bom-gosto. Essa imagem de homem refinado poderia ser desmentida pelos modos rudes pelos quais Delmiro se celebrou no trato com seus concorrentes no comércio de peles, adversários políticos e sobretudo com os operários de Pedra. Tais modos no entanto, não impediram que Fernando Morais o descrevesse como "...um homem muito perspicaz, dono de um refinamento que atualizava nas férias que passava em sua elegante villa de Nápoles..." (Morais, 1994, p. 94-95).

VII. O ECOLOGISTA

O grande interesse que o tema da ecologia tem despertado nos anos recentes não passou ao largo do mito. Surpreendentemente, Delmiro surge, nos anos 90, através de Frederico Pernambucano de Mello, como um defensor da natureza, como um homem que teria sabido "... chegar a uma posição de equilíbrio entre os ideais de desenvolvimento econômico e de preservação do meio" (Mello, 1993). Os elementos para esta nova construção são buscados na preservação de baraúnas, por ocasião da construção do núcleo fabril, na proibição à caça e na construção da usina, substituindo parte da energia obtida com a queima de madeira. Tais medidas, no entanto, estão bem distantes das pretensões ecológicas que se procura atribuir-lhe. A proibição à caça, muito além de ação de cunho humanitário, solidarizava-se com uma estratégia maior de controle do tempo livre dos moradores pelo combate a tudo que se relacionasse ao ócio e com a busca de, desarmando a população, evitar situações de tumulto que comprometessem a rotina metódica e produtiva do lugar. A preservação de baraúnas tinha, além de suposta finalidade paisagística, fins outros, como o caso da que era usada como "tronco", com o objetivo – bem pouco ecológico – de servir ao castigo físico de operários. A conversão do açude em receptáculo de águas – impregnadas de produtos químicos – utilizadas pela fábrica está longe de supostas finalidades de cunho ambiental. A construção da usina, por sua vez, gerou protestos de "ecologistas" da época, como José Avelino, que a concebia como um sacrifício das belezas naturais aos interesses da indústria. De resto, é meio difícil aceitar pretensões ambientais em um Senhor cuja casa era decorada com armas, peles e animais empalhados!

A literatura produzida ao longo deste século em torno de Delmiro Gouveia, revela como vários mitos foram sendo construídos, vinculados a causas, idéias e projetos para o País os mais diversos. Através de leituras parciais que filtram informações – omitindo uns fatos e enfatizando outros, minimizando alguns aspectos e procurando justificativas para outros – procura-se criar representações ideais vinculadas a projetos de classes ou de grupos. O surpreendente tem sido a capacidade de "conciliar" em um único personagem projetos tão diversos. Na obsessão nacional pela idéia de superação do "atraso" do País e na relação estabelecida, através de uma série de inversões político-ideológicas, entre a noção de

progresso e a industrialização, estão os fundamentos dos mitos que envolvem a trajetória de Delmiro Gouveia.

BIBLIOGRAFIA

A FÁBRICA de linhas da Pedra na Exposição. *Correio da Pedra*, Pedra, 12 nov. 1922. p.1.

A INDÚSTRIA manufactureira do Nordeste. *Correio da Pedra*, Pedra, 11 fev. 1923.p.1.

ALENCAR, Edgar de. Delmiro Gouveia, o dominador. *O Povo*, Fortaleza, 30 e 31 jul. 1966. p.19.

ANDRADE, Mário de. *Os Filhos da Candinha*. São Paulo: Ed. Martins, 1963.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. 28 ed. Biblioteca de Literatura Brasileira, V.1. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Villa Rica, 1992.

ARARIPE, J. C. Alencar. *A Glória de um Pioneiro. A vida de Delmiro Gouveia*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965. AZEDO, Raul. O cangaceirismo. *Diário da Manhã*, Recife, 20 ago. 1927. p.3.

BOURRIER, Any. Público gosta do filme sobre Delmiro Gouveia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 mai. 1978. p. 25.

BRANDÃO, Octávio. Delmiro Gouveia na Indústria Nacional. *Leitura, revista de arte e literatura*, Rio de Janeiro, n.52: 25, mar. 1962.

CARONE, Edgar. *A República Velha (instituições e classes sociais)*. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

CARVALHO, Félix Pires de. *História da vida e morte de Delmiro Gouveia*. Carpina, 1962. p.1. (manuscrito).

CAVALCANTI, Plínio. *Delmiro Gouveia e sua Obra, Conferencia*

realizada na Sociedade Nacional de Agricultura por ocasião de sua reunião semanal em 30 de outubro de 1917. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1917.

CAVALCANTI, Plínio. A Manchester sertaneja do Norte. In: *A Chanaan sertaneja da Pedra (escriptos sobre a obra realizada por Delmiro Gouveia no Nordeste do Brasil)*. Rio de Janeiro: 1927. p.43-55.

CAVALCANTI, Plínio. A Canaan sertaneja da Pedra. In: *A Chanaan sertaneja da Pedra (escriptos sobre a obra realizada por Delmiro Gouveia no Nordeste do Brasil)*. Rio de Janeiro: 1927. p.31-41.

CAVALCANTI, Paulo. A História de um Contrabando de Peles de Cabra em 1910. *Diário de Pernambuco*, Recife, 24 mai. 1986. Caderno Viver, p.1.

CHATEAUBRIAND, Assis. Uma Resposta a Canudos. In: *Resposta a Canudos : reportagens e ensaios*. Recife: COMUNICARTE; Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1990. p.59-71.

CHATEAUBRIAND, Assis. O Rei e o Senhor do Chifre Pequeno. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 16 jun. 1963. Primeiro Caderno. p.3. Cinema, Destaques. "Franco Atirador" e "Delmiro Gouveia". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 mai. 1979. p.8.

COSTA AMAZONAS. O Bandeirante da Hidrelétrica do S. Francisco. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 11 jun. 1961.

DANTAS, Paulo. O Delmiro Gouveia de Mauro Mota, o meu e o dos outros. In: MOTA, Mauro. *Quem foi Delmiro Gouveia*. São Paulo. Ed. Arquimedes, 1967. p.41-61. Delmiro Gouveia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 set. 1977. Delmiro Gouveia, que não batia na alma. *Fatos e Fotos*, Rio de Janeiro, 30 mai. 1968. *Delmiro Gouveia. Um Grande Prêmio para Indústrias de Todos os Tamanhos*. 1993 - *Competitividade e Compromisso Social* (Folheto e ficha de inscrição). Recife, 1993. Fiepe abre inscrição a prêmio. Recife, *Diário de Pernambuco*, 22 ago. 1993. p. C-2.

FREYRE, Gilberto. A Semana Delmiro Gouveia. *Jornal do Commercio*, Recife, 12 jun. 1963.

FREYRE, Gilberto. *O Velho Félix e suas Memórias de um Cavalcanti*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1959.

GÓES, Lauro. *Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver (1914-1917)*. Recife, 1962. p.7. (manuscrito).

GÓES, Raul de. *Um Sueco Emigra para o Nordeste*. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio Ed., 1963.

GOUVEIA, Delmiro. *A Província*, Recife, 1 jan. 1898. p.2.

GUNN, Philip. *O Significado do Sertão - capítulos da industrialização na Bahia*. São Paulo: FAU-USP, 1990. Tese de Livre Docência.

LIMA, Pedro Motta. *Fábrica de Pedra*. Rio de Janeiro: Vitória, 1955

LIMA JÚNIOR, Félix. *Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão alagoano*. Coleção Vidas e Memórias. Maceió: Departamento de Cultura/ Gov. de Alagoas, 1963.

MALTA, M. Pequena história de uma vida. Delmiro Gouveia transformou Pedra num progressista centro industrial. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 4 jun. 1961.

MARTINS, F. Magalhães. *Delmiro Gouveia: pioneiro e nacionalista*. Coleção Retratos do Brasil, v. 12, 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1963.

MAURICIO, Ivan et. alii. Delmiro Gouveia, perdido nas linhas do truste. *Cadernos do Nordeste*, Recife, Ano 1 N.1:7-13. 1977.

MEDEIROS NETO. Delmiro Gouveia - Vida. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 5 jun. 1963.

MELLO, Frederico P. de. *Delmiro Gouveia: Desenvolvimento com Impulso de Preservação Ambiental*. Recife: Companhia Hidro Elétrica do São Francisco - CHESF/Fundação Joaquim Nabuco - Ed. Massangana/Conselho Estadual de Cultura, 1993.

MELO, Virgínius da Gama e. Delmiro começou a renovação indus-

- trial pela cúpula: P. Afonso. *Jornal do Commercio*, Recife, 6 jun. 1963. p.9.
- MENDONÇA, Meroveu. Delmiro Gouveia. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 11 jun. 1961. p.3.
- MENEZES, Hildebrando. *Delmiro Gouveia: vida e morte*. Recife: CEPE, 1991.
- MENEZES, Olympio. *Itinerário de Delmiro Gouveia*. Recife: IJNPS/MEC, 1963.
- MONTELLO, Josué. Delmiro Gouveia, Evocação. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 7 maio 1961. p.3.
- MORAIS, Fernando. *Chatô: o Rei do Brasil, a Vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MOTA, Mauro. A "Estrêla" de Pedra. *Jornal do Commercio*, Recife, 6 jun. 1963. p.9. O assassinato do industrial. *Opinião*, Rio de Janeiro, 9 mai. 1975. p. 8-9.
- OLIVEIRA LIMA. As condições sociais no interior. *Diário de Pernambuco*, Recife, 27 jan. 1918.
- RAMOS, Graciliano. *Viventes das Alagoas*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1992.
- ROCHA, Limério Moreira da. *Usina Beltrão/Fábrica Tacaruna. Um século de existência*. Recife: Liber Gráfica Ed., 1991. p.81-85.
- ROCHA, Tadeu. *Delmiro Gouveia: o Pioneiro de Paulo Afonso*. 3 ed. Recife, UFPE, 1970.
- ROCHA, Tadeu. Derbi - Um bairro de 70 anos. *Diário de Pernambuco*, Recife, 20 abr. 1969. Terceiro Caderno, p.5.
- ROCHA, Tadeu. "Coronelismo" sertanejo eliminou Gouveia em 1917 e multinacional "matou" sua fábrica de linhas em 1929. *Diário de Pernambuco*, Recife, 11 jun. 1978. p. A-11.

- RORIZ, Wilson. Discurso em Sessão na Câmara dos Deputados em Homenagem a Delmiro Gouveia por ocasião do centenário de seu nascimento. *Diário do Congresso Nacional* (Suplemento), Brasília, jun. 1963.
- SANTOS, Adolpho. *Delmiro Gouveia. Depoimento para um estudo biográfico*. Recife, 1947. (mimeo.). 44p.
- SARNO, Geraldo (entrevista). Delmiro Gouveia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 set. 1977.
- SEGALL, Maurício. O Coronel dos Coronéis. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 mar. 1980. Folhetim, p.5.
- SEGALL, Maurício. *O Coronel dos Coronéis (a história e a lenda do Coronel Delmiro Gouveia - Ceará -1863/Alagoas-1917)*. Coleção Teatro hoje, V.32. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- SENNA, Orlando & SARNO, Geraldo. *O Coronel Delmiro Gouveia (Roteiro premiado no Festival de Brasília - 1978)*. Rio de Janeiro: CIDECRI, 1979.
- Sessão na Câmara dos Deputados em Homenagem a Delmiro Gouveia por ocasião do centenário de seu nascimento. *Diário do Congresso Nacional* (Suplemento), Brasília, jun. 1963. p. 25.
- SOUSA, J. Machado de. *Vida de Delmiro Gouveia*. Recife, Editora e Revista Flos Carmeli, 1964.
- SOUZA BARROS, Manuel de. *A Década 20 em Pernambuco (Uma Interpretação)*. 2 ed. Coleção Recife V. XLII. Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.
- TAVARES, Octavio. A Pedra na Paizagem Alagoana. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 19 abr. 1924. p.1.
- TÁVORA, Fernandes. O Pioneiro Máximo. *O Povo*, Fortaleza, 30 jun. 1966.
- TÁVORA, Virgílio. *O Povo*, Fortaleza, 5 jun. 1963.

TIGRE, Bastos. Os Trabalhos do Coronel Delmiro Gouveia em Paulo Afonso. *Diário de Pernambuco*, Recife, 2 ago. 1915. p.3.

VASCONCELOS, Caio Mario Meira de. *O Habeas-Corpus de Delmiro Gouveia*. Conferência Pronunciada no auditório do Palácio da Cultura, no Rio de Janeiro em 11 de set. de 1963. (mimeo).

278 Emissoras distinguidas com o "Diploma D. Gouveia". *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 2 dez. 1961.